

São 50 as vagas integradas na rede nacional pública

SOERAD inaugura Cuidados Continuados

EUNICE FRANCISCO
[eunicefrancisco@badaladas.pt]

Leal da Costa, secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde; Carlos Miguel, presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras, e Horácio Nascimento, fundador da SOERAD, inauguraram no passado dia 28 de agosto a Unidade de Cuidados Continuados Integrados (UCCI) do Hospital SOERAD.

Tida como uma unidade de referência em Torres Vedras há mais de 30 anos, a SOERAD continua a apostar na diversificação da prestação de cuidados de saúde. A capacidade empreendedora e a coragem de investimento dos seus administradores numa altura de crise foi reconhecida por todos quantos participaram na inauguração.

A nova unidade integra desde fevereiro deste ano a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados, através de um protocolo estabelecido com a Administração Regional de Saúde (ARS) de Lisboa e Vale do Tejo.

O Hospital SOERAD dispõe de programas de Cuidados Continuados adaptados especificamente às necessidades de cada paciente, nomeadamente em situações de alta precoce, reabilitação intensiva com vista à recuperação de autonomia, necessidade de vigilância médica 24h, apoio a doentes dependentes e programa especial para descanso do cuidador. Estão também disponíveis programas de internamento e ambulatório, entre outros.



Serviço inaugurado pelo secretário de Estado da Saúde já deu resposta a 96 utentes

Aquela unidade disponibiliza 50 vagas públicas, que correspondem a 30 camas de tipologia de internamento de média duração e reabilitação e 20 vagas de longa duração e manutenção. De acordo com a ARS, as Unidades de Internamento de Cuidados Continuados Integrados têm por objetivo a prestação de cuidados de saúde e de apoio social de forma continuada e integrada a pessoas que, independentemente da idade, se encontrem em situação de dependência, permitindo a promoção da reabilitação, estabilização clínica e autonomia dos doentes. Nas UCCI são prestados cuidados que previnem e

retardam o agravamento da situação de dependência, favorecendo o conforto e a qualidade de vida. Esse nível intermédio de cuidados contribui para a gestão das altas hospitalares permitindo que as camas dos hospitais sejam atribuídas a doentes agudos.

Maioria dos doentes são do setor público

Segundo Rui Nascimento, administrador da empresa criada em 1980 por Horácio Nascimento,

o hospital já deu resposta a 96 doentes desde o início de fevereiro, "70 por cento dos quais eram provenientes de hospitais públicos. Doentes esses cujos quadros clínicos e sociais exigiam resposta pós-agudização e que no imediato não encontravam solução nos seus domicílios".

Rui Nascimento referiu ainda que a intervenção do hospital se tem desenvolvido predominantemente nas áreas de acidentes vasculares cerebrais, demências e doenças crónicas, nomeadamente as insuficiências cardíacas e respiratórias, doenças neurológicas e doenças oncológicas. "Do ponto de vista social, os diagnósticos têm correspondido sobretudo a carências e incapacidades familiares para o cuidar, ao abandono social e familiar, e à negligência e violência familiar", sublinhou.

Aquele responsável frisou também a necessidade premente da criação de uma Unidade de Cuidados Paliativos integrada também na rede nacional, sendo que Leal da Costa deixou no ar a possibilidade "do hospital poder vir a ter mais 16 camas contratualizadas num próximo ciclo governativo", afirmou.

O secretário de Estado realçou ainda a inauguração ao longo daquela semana de mais 147 camas de Cuidados Continuados Integrados e Cuidados Paliativos na região de Lisboa e Vale do Tejo. A região conta agora com 1.878 camas em Unidades de Internamento de Cuidados Continuados Integrados e Paliativos, mas continua a mais carenciada no que diz respeito a vagas daquele apoio.

Secretário de Estado ouve recado em Torres Vedras

Saúde pública deprime presidente da Câmara

EUNICE FRANCISCO
[eunicefrancisco@badaladas.pt]

No passado dia 28 de agosto, durante a inauguração da Unidade de Cuidados Continuados Integrados do Hospital SOERAD em Torres Vedras, Carlos Miguel, presidente da Câmara Municipal, declarou-se "extremamente feliz e orgulhoso" com a atividade privada do setor da saúde no concelho, onde existem já três unidades de referência, sendo a SOERAD a mais antiga.

No entanto, o autarca sublinhou que "passa da euforia para uma depressão profunda quando olho para o setor da saúde pública", referindo-se em particular à falta de condições no Centro Hospitalar do Oeste (CHO).

Aproveitando a presença de Leal da Costa, Secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde, que veio inaugurar a nova unidade, Carlos Miguel não se fez de rogado nas suas afirmações. Afinal "todos nós sabemos que estamos mal servidos e muito pior que isso, é que não temos perspectivas de futuro. O CHO não serve as nossas populações e os profissionais que ali estão fazem milagres a todas as horas".

O autarca defende que é preciso repensar a rede hospitalar do Oeste e entende que deveria ser feito desde já o projeto para um novo hospital.

"Essa é a minha grande dor, que à data de hoje nós não estejamos a planear o futuro. Estamos em fase eleitoral e qualquer

que seja o Governo que esteja na próxima legislatura, para esta região do Oeste a prioridade das prioridades é a saúde pública".

Para Carlos Miguel a recente referenciação do CHO como zona carenciada para poder vir a receber médicos abrangidos por incentivos especiais "é apenas um bom paliativo".

Diz o edil que "enquanto não tivermos condições iguais ou idênticas àquelas que temos aqui na SOERAD em termos públicos é muito difícil captar médicos para o setor público".

O autarca fez também referência aos 55 mil utentes sem médico de família no Oeste. "O mais grave é que 45 mil estão no ACES Oeste Sul e 21 mil no concelho de Torres Vedras", encarando a criação de mais unidades de saúde familiares com uma carência e um desafio a cumprir até 2020.

Reestruturação hospitalar no Oeste

Leal da Costa, por sua vez, não escondeu que "somos os primeiros a reconhecer as dificuldades do CHO", mas fez questão de lembrar o "esforço" de organização da capacidade da prestação dos cuidados ao longo dos últimos anos, sublinhando a criação do Centro Hospitalar do Oeste.

O governante apontou "as particularidades muito próprias" da zona Oeste como um desafio e fez saber que "estamos a desenvolver esforços no sentido de criar condições de atratividade para os médicos". O governante falou das medidas de incenti-

vo aos médicos de clínica geral e familiar e dos acordos de co- operação do CHO com Hospital Santa Maria e outras unidades hospitalares da região, "de forma a progressivamente conseguirmos repor os níveis de profissionais médicos que correspondem a um corpo maioritariamente muito envelhecido".

Leal da Costa encara a existência do setor privado em Torres Veras ele próprio como um fator de atratividade para a prática da medicina no setor público e entende que os dois setores devem ser olhados de forma complementar.

Quanto à reformulação da rede hospitalar na região Oeste, o governante diz que "existe um plano há mais de seis anos, que obviamente tem de ser equacionado dentro das novas lógicas orçamentais do país", e também pela rede viária, nomeadamente a A8 e respetivos nós.

"O país tem que ter os pés assentes na terra, qualquer decisão que venha a ser tomada no futuro terá que considerar questões de custo e eficácia. Parece-nos que será melhor fazer substituição de múltiplas unidades por uma unidade que dê uma resposta mais moderna e modelar do que que estar a fazer remodelações em pequenos espaços", salientou o secretário de Estado.

Questionado sobre a possível entrega do hospital à Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, o governante respondeu que "isso não está no nosso horizonte. Qualquer solução para a região Oeste é uma solução de fôlego, de bloco, que não poderá passar por situações de pequena dimensão".